

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

JEAN DOS SANTOS MANTOVANI

**UMA ANÁLISE HISTÓRICA DOS CONGRESSOS DO COI
(1894 – 1914)**

**Campinas
2018**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

JEAN DOS SANTOS MANTOVANI

**UMA ANÁLISE HISTÓRICA DOS CONGRESSOS DO COI
(1894 – 1914)**

Orientador: Sérgio Settani Giglio

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Graduação da Faculdade de Educação Física
da Universidade Estadual de Campinas para a
obtenção do título de Bacharel em Educação
Física.**

**Campinas
2018**

Comissão Julgadora

Prof. Dr. Sérgio Settani Giglio

Orientador

Prof. Dr. Edvaldo Góis Junior

Banca

Aos que sonham e caminham

AGRADECIMENTOS

Gostaria em primeiro lugar de agradecer aos meus pais, Elizabete e Pedro. Mesmo sendo desconhecedores do ensino superior e do mundo acadêmico, sempre me depositaram confiança. Fizeram-me acreditar que se somos apaixonados pelo que fazemos todo o percalço e dificuldades valem a pena.

Agradeço minha namorada Lysandra. Pelo companheirismo, amor, carinho, por enxergar a beleza nas pequenas coisas, gestos e atos. Sou grato por me ensinar tanto sobre a arte e suas representações, assim como me mostrar que posso ser mais sensível e criativo. Amo os momentos contigo.

Ao meu irmão Jonathan, que admiro e me espelho muito, mesmo eu sendo mais velho.

Aos meus avós, sempre de braços abertos para me receber, seja para matar saudades ou após uma semana difícil.

Aos meus amigos, principalmente aos 014 noturno da FEF, minha querida turma. Sem eles a jornada não teria sido tão afável, nem mesmo tão densa e profunda em sentidos. Em especial ao Alexandre e Tatiana, pessoas inestimáveis que estão sempre ao meu lado. Conhecem-me minuciosamente: quando preciso de um abraço, conselho, de boas gargalhadas ou quando necessito de café. Ahhhh o café! Tomar café com vocês é especial.

Agradeço as minhas professoras e professores da FEF, Carminha, Elaine, Edvaldo, Silvia, Laurita, Marquinhos, Jocimar, que me propiciaram muitos momentos de reflexão. Vocês são gigantes!

Ao Prof. Dr. Sérgio Settani Giglio, da Faculdade de Educação Física da Unicamp, pela orientação, paciência e confiança. Pessoa que estimo e admiro muito. Precioso para a FEF!

À Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo (FAPESP) pela concessão da bolsa e financiamento da pesquisa.

**“Encheram a terra de fronteiras, carregaram o céu de bandeiras, mas só há
duas nações – a dos vivos e dos mortos”.
MIA COUTO**

Resumo

Esta pesquisa visou analisar os seis primeiros Congressos do Comitê Olímpico Internacional (COI), visto que esses eventos ocorreram em datas próximas e as decisões estabelecidas nesses espaços influenciaram para a criação dos Jogos Olímpicos dos Trabalhadores. Ao investigar os Congressos foi possível reconhecer quais eram as pautas debatidas nesse importante espaço de decisões do COI, além de fornecer um quadro de quem eram os influentes membros da entidade. A partir desse cenário fora também possível entender como se configurou o jogo político da entidade em seus anos formativos. A pesquisa documental foi realizada por meio dos Boletins Olímpicos Oficiais do COI e por uma série de outros documentos, como minutas e periódicos. Investigar os Congressos do COI permitiu a análise dos desdobramentos que essas reuniões promoveram para os Jogos Olímpicos ora caminhando para uma união entre os países membros, ora promovendo a ruptura com os excluídos pelas decisões, no caso os trabalhadores.

Palavras-chave: Jogos Olímpicos; COI; Congressos; Política.

Abstract

This research aimed to analyze the first six Congresses of the International Olympic Committee (IOC), as these events occurred in the near future and the decisions made in those spaces influenced the creation of the Olympic Games of the Workers. In investigating the Congresses it was possible to recognize the issues discussed in this important IOC decision-making space, as well as to provide a picture of who the influential members of the organization were. From this scenario it was also possible to understand how the entity's political game was configured in its formative years. Documentary research was conducted through the IOC Official Olympic Bulletins and a number of other documents, such as minutes and periodicals. Investigating the IOC Congresses allowed the analysis of the developments that these meetings promoted for the Olympic Games, or towards a union between the member countries, sometimes promoting a rupture with the excluded by the decisions, in the case of the workers.

Keywords: Olympic Games; COI; Congresses; Politics.

Lista de tabelas

Tabela 1 - Ano de fundação dos Esportes Amadores e das Federações Internacionais _____ 25

Sumário

RESUMO	8
MÉTODO	14
REFERENCIAL TEÓRICO	18
Dialogando com as fontes: Os Jogos Olímpicos	18
Os congressos	22
Dialogando com as fontes: o amadorismo	24
APONTAMENTOS: ELEMENTOS PARA PENSAR	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

Introdução

Esta pesquisa analisou, por meio dos Boletins Olímpicos Oficiais do COI, os Congressos realizados entre 1894-1914. O presente trabalho se insere em uma pesquisa mais ampla intitulada “Uma análise histórica da formação dos Jogos Olímpicos dos Trabalhadores (1894 – 1925)”, coordenada pelo Professor Dr. Sérgio Settani Giglio, docente da Faculdade de Educação Física da Unicamp e financiada pela FAPESP. Portanto, esta pesquisa estabelece um diálogo com esse outro projeto, de forma a contribuir para o campo de estudo e crítica em questão.

A proposta desta pesquisa foi a de investigar a formação do Comitê Olímpico Internacional (COI) e os primeiros Congressos deste Comitê que tem como origem um primeiro evento em 1894 na cidade de Paris. Nos primeiros 20 anos de existência do COI aconteceram seis Congressos: Paris – 1894, Le Havre - 1897, Bruxelas - 1905, Paris - 1906, Lausanne - 1913, Paris – 1914. No decorrer desta pesquisa todos esses seis Congressos foram analisados. Estes Congressos ocorreram em datas próximas e com uma notada frequência, tendo essas duas décadas bastante importância para as definições e organização da entidade, assim como um fortalecimento e aumento em todos os predicados do que viriam a se tornar o Movimento e os Jogos Olímpicos.

Ao final da pesquisa e da investigação desses seis eventos foi possível produzir um mapa desses 20 anos do COI, assim como se estabeleceram e se desenvolveram certas influências. Pela característica de continuidade dos membros do COI e pelo recorte em certo aspecto amplo da pesquisa, também foi possível conferir quem eram os membros notórios do Comitê e de que maneira se relacionavam.

Esse projeto consistiu em uma pesquisa de investigação histórica. Os documentos foram analisados de forma a dialogar com os processos de constituição e crescimento dos Jogos Olímpicos. Foi importante investigar e buscar conhecimentos que contribuíram para entender o jogo político que sustentou a estrutura do COI.

Os documentos investigados foram os Boletins Oficiais do COI, Programas dos Congressos, assim como outros periódicos, entre eles circulares e alguns importantes jornais do período que traziam informações a respeito dos Congressos realizados. O intuito de trabalhar com esses materiais foi o de ampliar o diálogo com as fontes, buscando formas diversas de como as diretrizes do COI eram apresentadas e difundidas.

Com relação às pautas do COI o olhar da pesquisa se aprofunda no tocante as concepções de amadorismo e profissionalismo. Nesse aspecto procurei levantar quem eram os membros importantes no cenário do COI e como as decisões proferidas por eles reverberavam entre atletas e associações de esportes, sempre tendo como fio condutor as noções de amadorismo.

Método

Para analisar os acontecimentos e medidas tomadas nos Congressos, foram utilizados os Boletins Olímpicos Oficiais do COI e uma série de outros documentos, como cartas dos Programas Olímpicos e uma gama de documentos periódicos, entre eles, atas, minutas, circulares do COI e também importantes jornais que circulavam na Europa (*Le Vèlo*, *La Bicyclette*, *L'Auto*), gazetas essas que traziam informações referentes aos Congressos. Os arquivos oficiais em questão datam do período que foi usado de escopo para análise da pesquisa (1894 – 1914).

Sobre os documentos, esses podem apresentar omissões, imprecisões ou expressar a verdade apenas pela visão de quem os produziu, o que não tira o caráter histórico desses arquivos, entretanto é necessário estar ciente sobre esses aspectos, conforme afirma Bloch (2001, p. 89): “Uma experiência quase tão velha como a humanidade, nos ensinou que mais de um texto se diz de outra proveniência do que de fato é: nem todos os relatos são verídicos e os vestígios materiais, (eles) também, podem ser falsificados”.

Aróstegui (2006, p. 507) também nos alerta “que as fontes por si só podem conter um componente de *distorção* da realidade” (grifo do autor). Portanto, não só de mensuração de fatos consiste uma pesquisa histórica. É preciso analisá-los de forma que a busca por fontes e relatos nos ajudem a entender um processo, de forma a não reduzir a história, mas a dar significado a ela. Apesar do distanciamento, de tempo ou espaço, é papel de quem analisa documentos e relatos não colocar a sua emoção de momento no seu trabalho, mas é preciso pontuar que todo estudo possui um caráter pessoal de quem o escreve, em pequena, mas em alguma dimensão.

Ainda sobre documentos, Le Goff (2011) colabora falando que um documento não é inocente, de forma que não somente pesa a análise do historiador como é necessário considerar também a sociedade que o produziu. De acordo com Le Goff (2003, p. 9):

Mas, do mesmo modo que se fez no século XX a crítica da noção de fato histórico, que não é um objeto dado e acabado, pois resulta da construção do historiador, também se faz hoje a crítica da noção de documento, que não é um material bruto, objetivo e inocente, mas exprime o poder da sociedade do passado sobre a memória e o futuro: o documento é monumento.

É importante salientar que essa noção de monumento se difere daquela da arqueologia e que os documentos não se resumem a registros escritos e impressos, gravuras e esculturas. É preciso salientar que os gestos corporais e as palavras também são documentos e estão permeados por sentidos, remetendo a “teia de significados” (GEERTZ, 1989) em que os homens estão cobertos por essas noções que eles mesmos teceram.

Ao olharmos para os documentos produzidos pelas sociedades mais antigas temos que ter em mente que existem deformações nesse material. Bloch (2001, p. 106) nos diz a respeito de testemunhos que “O erro, quase sempre é previamente orientado”. Os grupos que estão no espaço privilegiado de produzir certos documentos podem tencionar-se a fazê-los de maneira que lhes favoreça. Entretanto, a respeito dessa possível alteração, o próprio Bloch (2001, p. 77) completa: “Mas a deformação aqui, a supor que exista, pelo menos não foi concebida especialmente em intenção da posteridade”. Esses elementos tornam uma pesquisa histórica e o trabalho do historiador, um processo mais amplo e ao mesmo tempo minucioso, pois não só o que foi dito será importante para a sua pesquisa, mas também aquilo que foi oculto podem conter uma informação fundamental para entender e analisar o processo em questão. A esse respeito Marc Bloch (2001, p. 95) orienta:

Mas, a medida que a história foi levada a fazer dos testemunhos involuntários um uso cada vez mais frequente, ela deixou de se limitar a ponderar as informações [explícitas] dos documentos. Foi-lhe necessário também extorquir as informações que eles não tencionavam fornecer.

Estabelecendo uma relação dos Boletins com outros tipos de impressos e periódicos, Luca (2006) nos instiga no sentido de saber fazer perguntas acerca da composição geral desses documentos. Não só o escrito deve ser investigado, mas pensar na própria estrutura física e organizacional dos arquivos. Qual notícia aparece na capa? Qual assunto é recorrente? Algum tipo de discussão deixa de compor as fontes? Realizar um mapeamento dessas questões pode ajudar a seguir um fio, no sentido de quais discursos estão sendo escritos e produzidos por quem escreve o material, e quais debates estão entrando para uma espécie de esquecimento da história. Ainda pensando na materialidade destes arquivos é importante refletir acerca das fontes que foram

digitalizadas no que diz respeito à quais documentos estão compartilhados na rede de internet ou de fácil acesso por pesquisadores, e quais podem ter sido omissos desses arquivos por quem os elaborou (MELO, DRUMOND, et al., 2013).

Outra abordagem importante é a de teorizar sobre a História e a pesquisa histórica. Nesse sentido, Aróstegui (2006, p.24) ressalta que “Com efeito, o historiador “escreve” a História, mas deve também “teorizar” sobre ela”. Dessa forma, além de consultar os boletins oficiais do COI será importante investigar trabalhos que nos possibilite olhar de forma mais ampla o espaço e momento analisado, pois aqui poderemos nos deparar com um embate de forças; a popularização dos esportes proporcionada por meio da unificação de regras contemplava mais pessoas para a prática de esportes, de maneira que tornava certos grupos (trabalhadores) conhecedores das modalidades esportivas, classe essa que os poderosos queriam deixar afastados (GIGLIO, 2013).

Para entender e teorizar sobre o processo histórico, será importante olhar para a “sociedade do passado” que Le Goff já nos elucidou, tendo uma dimensão coletiva dessa sociedade. Porém também se faz necessário identificarmos os indivíduos fundamentais aos desdobramentos do tempo e espaço de escopo da análise dessa pesquisa. Esses indivíduos não estavam simplesmente vivendo nesse período, eles de certa forma criaram o seu tempo.

Marc Bloch (2001) salienta sobre a importância da *inteligibilidade*¹ a respeito da pesquisa histórica. Esta inteligibilidade seria contrária à noção de pesquisa histórica que pudesse desembocar em uma característica jornalística, mais preocupada com o fato do que entender a fundo as questões inerentes ao estudo. É elementar também ressaltar que a história não é um dado pronto e rígido. Quando se aprofunda em um tema de forma meticulosa, contradições podem se explicitar, de maneira que tencionar esses enlevos é um precioso campo da prática historiográfica. Com relação a uma possível rigidez da história, Marc Bloch (2001, p. 46), é categórico: “Mas a história não é a relojoaria ou a mercearia. É um esforço para o conhecer melhor: por conseguinte, uma coisa em movimento”.

Trazendo mais uma vez inquietações de Marc Bloch (2001), outra crítica que o autor reflete é no que tange ao “ídolo das origens”. A desaprovação do historiador refere-se à busca cega pelo *mito* da origem; da criação, do ponto balizador. Percebe-se

¹ Palavra comumente utilizada por Marc Bloch (2001) no seu livro *Apologia da história ou o ofício do historiador*.

que – apenas – pontuar o marco zero de algo não nos fornece elementos necessários para a inteligibilidade que o autor tanto frisa. Nesse aspecto a pesquisa deve considerar como uma determinada sociedade está inserida em uma névoa, que é formada pelos símbolos e lógicas que permeiam o período analisado. Essa névoa molda os indivíduos que produzem ou produziram esse tempo. Posto isso, é louvável mensurar o momento da formação e desenvolvimento do COI, fugindo de explicações resumidas ao seu início. Aqui, vale-se entender o momento de constituição do COI, assim como o fenômeno esportivo moderno e a própria modernidade.

Referencial Teórico

Bourdieu (1983) em seu texto clássico *“Como é possível ser esportivo?”*, menciona que uma das tarefas da história do esporte é a de mostrar como se configurou a própria história do esporte. Isto é, ao invés de se amarrar exclusivamente em fatos é primordial compreender o processo. Entender a história do esporte é primordial para fugir de anacronismos quando se trabalha com o esporte e práticas esportivas, assim como elevar em importância, denotando um caráter ímpar a história do esporte. É possível também traçar certo panorama e ideal de grupo, fugindo de elencar um movimento unicamente a determinado sujeito, por mais que este possa se mostrar um grande difusor e articulador de determinada organização. A história para além do fato apresenta uma necessidade de ser imbricada no problema.

Investigar os Congressos permitiu entender o movimento olímpico de forma mais ampla. Segundo Müller (1981), os Congressos tinham um papel muito importante, porque neste evento eram propagados os ideais olímpicos. Nesse sentido entender o jogo político do COI é importante para compreender os desdobramentos dos Jogos Olímpicos.

Recorrer aos Boletins Olímpicos e outros arquivos tem permitido pensar sobre o movimento olímpico. Fica claro nos Boletins a escolha pelo ideal de atleta amador para ser o arquétipo de atleta participante dos Jogos. Por mais que essa concepção é posta, pois a cúpula do COI aparenta ser inflexível com relação ao modelo de atleta amador, nunca abrindo democraticamente de fato essas decisões, os possíveis debates travados no espaço decisório do COI parecem não constar de maneira mais densa nos arquivos. Entretanto, alguns vestígios, principalmente no que tangem a relação do COI com as mais distintas federações esportivas e a própria pluralidade de noção de atleta amador que parece permear o cenário dos Jogos, possibilitam uma visão de que apesar de delimitações acerca do movimento olímpico, este não tinha a única visão no cenário esportivo, e por vezes as decisões do COI eram contraditórias para com a exclusividade do atleta amador.

Dialogando com as fontes: Os Jogos Olímpicos

Para chegarmos à constituição do Comitê Olímpico Internacional (COI) precisamos entender o processo de surgimento do Esporte Moderno. Primeiro é preciso

diferenciá-lo de “práticas esportivas”. O Esporte Moderno é sistematizado, com um grande controle e repugnância à violência física, além de possuir regras e estruturas unificadas e preestabelecidas. Pode-se também compreendê-lo como sendo racionalizado, secularizado e espetacularizado. A atual concepção de esporte tem origem em um dado período histórico marcado por revoluções industriais e científicas, desta forma sendo a Inglaterra o grande palco dessas mudanças. O modelo parlamentar inglês – que representaria disputas travadas pela oratória ao invés de embates físicos violentos - e uma violência mais contida da sociedade foram fundamentais para a racionalização do esporte (DUNNING, 2014).

Muitas das modalidades esportivas enquadradas no Esporte Moderno tiveram grande difusão nas *public schools* que eram seletos locais educativos frequentados por alunos de sexo masculino provindos da aristocracia ou da alta burguesia. Os esportes tinham por objetivo a realização de práticas de “condutas controladas”, atividades essas que viriam a compor boa parte do tempo livre desses estudantes (BOURDIEU, 1983).

Podemos dizer que o Esporte Moderno surge fruto da Revolução Industrial e em sua raiz esta a estrutura capitalista da modernidade, sendo assim em um primeiro momento o esporte ficou restrito à aristocracia e as classes mais abastadas de forma a representar um estilo de vida e distinção social (HOBSBAWM, 1997). Entretanto, é interessante pensar no interesse de classes mais populares por essas práticas. Rubio (2006, p.50) nos diz: “A distinção social favorecia a exclusão esportiva. Apesar dessa discriminação a organização das instituições esportivas não resistiu às pressões sociais pela popularização da prática”. Nesse processo de popularização as igrejas e fábricas contribuíram para que os jogos fossem incorporados nos momentos recreativos dos trabalhadores das cidades industriais (RUBIO, 2006).

Para se entender o Movimento Olímpico e o apelo ao amadorismo - que impedia a presença de atletas trabalhadores nos Jogos – temos de olhar para os desejos da alta cúpula que idealizou os Jogos Modernos. Rubio (2006, p. 66) observa que:

Posto que organizadores e praticantes do esporte criaram e defenderam o esporte como uma atividade de poucos e para poucos não é de se estranhar que o amadorismo tenha se constituído como um dos pilares fundamentais sobre qual se assentou o Movimento Olímpico. Preocupados com a perda do controle da prática esportiva originária em seus domínios, aristocratas e burgueses lançaram-se em defesa dessa atividade alegando que a permissão para o seu exercício seria dada

apenas àqueles que pudessem tê-la para uso no tempo ocioso, distanciando o trabalhador da participação em esportes institucionalizados e dos Jogos Olímpicos.

O contexto da presente pesquisa se inicia em junho de 1894 quando foi realizada uma conferência que tinha como objetivo definir regras e planejar a reedição dos Jogos Olímpicos. Nesse evento, idealizado pelo Barão Pierre de Coubertin, aconteceu o primeiro Congresso realizado na Universidade Sorbonne, França. Além de discutirem as regras que delineariam o esporte no mundo, naquele momento, surgiu também o Comitê Olímpico Internacional (COI). Esse é um fato histórico marcante, pois os membros deste comitê poderiam através de suas políticas pautarem os rumos do esporte no mundo, pois a reedição dos Jogos Olímpicos poderia estar associada à internacionalização do esporte. Sobre esse aspecto Rubio (2016, p.55) escreve:

Constituído por representantes de várias nacionalidades indicados pelos participantes do encontro da Sorbonne, o COI tinha como missão e intenção a organização dos Jogos Olímpicos bem como a normatização das modalidades disputadas, muitas deles recém-criadas e sem um corpo de regras universalizadas.

Aqui se faz importante observar como se realizou a elaboração dos Jogos. Os Jogos Olímpicos surgem como um evento singular, no entanto seus idealizadores buscaram traçar laços com o passado (no geral o presente é uma ruptura deste passado, não uma continuação) com o intuito de preservar, ou melhor, inventar uma tradição.

Hobsbawm e Ranger (1997, p. 13) elaboraram ricos questionamentos acerca da invenção das tradições, pois com a modernidade muitos simbolismos do cotidiano foram construídos para a necessidade da nova organização social.

Mais interessante, do nosso ponto de vista, é a utilização de elementos antigos na elaboração de novas tradições inventadas para fins bastante originais. Sempre se pode encontrar, no passado de qualquer sociedade, um amplo repertório destes elementos; e sempre há uma linguagem elaborada, composta de práticas e comunicações simbólicas. Às vezes, as novas tradições podiam ser prontamente enxertadas nas velhas; outras vezes, podiam ser inventadas com empréstimos fornecidos pelos depósitos bem supridos do ritual, simbolismo e princípios morais oficiais [...].

É possível por meio dessa tradição inventada, no caso os Jogos Olímpicos, elencá-lo como uma nova tradição. A delimitação de este evento ocorrer a cada quatro anos reforça esta ideia de tradição, pois foi projetada uma continuidade dos Jogos antes mesmo da realização do primeiro em 1896. O período de quatro anos entre os Jogos parece ser apropriado para a organização de um novo evento, conjuntamente com o fato de que existindo um tempo maior entre os Jogos, instaurasse uma áurea de importância, assim como fazer com que os envolvidos criassem interesse e certa ansiedade para com o evento.

Entretanto é válido mensurar que essa dimensão não foi imediata, pois os Jogos de (1900 – 1904) foram um anexo das Exposições Universais, que objetivavam de certa forma divulgar os elementos da modernidade. O intuito de colocar os Jogos como sendo esse anexo, era de fazer com que aumentasse o número de pessoas interessadas no evento. Pode-se perceber essa relação com as Exposições Universais através da duração desses Jogos (1900 – 1904), que foram realizados em cinco meses e meio e quase cinco meses, respectivamente. Somente depois dos Jogos de 1906, evento desconsiderado pelo COI, que os Jogos tomam o seu rumo no sentido que estes foram realizados pelos membros do COI de maneira independente, diferente de quando foram anexos das Exposições Universais (GIGLIO, 2013).

Também cabe salientar que apesar de ser um novo acontecimento próprio da modernidade, os Jogos Olímpicos no âmbito das tradições inventadas foram alegados com resíduos de longínquas tradições. A escolha de Atenas como a sede dos primeiros Jogos está embargada nestes aspectos.

Outro panorama circunda no que se refere às diferenças destas práticas – novas e antigas. As antigas eram bastante específicas e imperava certa imposição. As novas tendem a serem mais gerais e fluídas (HOBSBAWM, 1997). Na perspectiva dos diferentes significados das práticas novas, talvez a delimitação de uma condição – amadora – para participação dos Jogos, e de um espírito para a prática esportiva – jogo pelo jogo/ amor e tempo livre – encontrariam resistência quanto a estas definições, pois as práticas esportivas eram escoadas em um meio socialmente poroso, e diferentes sujeitos internalizavam múltiplos anseios para com o esporte.

De maneira geral pode-se estabelecer que as seis primeiras edições dos Jogos Olímpicos (Atenas 1896, Paris 1900, St. Louis 1904, Atenas 1906, Londres 1908, Estocolmo 1912) não foram de tamanha repercussão. O COI ainda apresentava uma estrutura frágil, desde sua origem apresenta a influencia do jogo político externo para a

escolha das cidades-sede (não negando que está influencia política possui estreita relação com o COI e suas decisões, mesmo depois deste período de fragilidade do COI, época anterior a Primeira Guerra Mundial). Estes Jogos foram marcados por limitações de nações e modalidades esportivas em seus quadros, além de não figurar no imaginário popular, pois os Jogos ainda não estavam estabelecidos como uma tradição enraizada (BONIFACE, 2012).

Os congressos

O primeiro Congresso do COI objetivou como pauta principal o estudo e a promoção dos princípios do amadorismo e colocar em prática a reedição dos Jogos Olímpicos. Além de várias regulamentações e definições acerca da delimitação referente ao amadorismo, a principal decisão do Congresso foi restabelecer os Jogos Olímpicos tendo sua primeira edição em Atenas (1896) em uma homenagem aos Jogos Olímpicos da Antiguidade. Cerca de duas mil pessoas formaram uma plateia nesse evento, das quais 79 representavam universidades e sociedades esportivas de 13 países diferentes (RUBIO, 2006). Neste mesmo Congresso ficou decidido que Paris seria a sede da edição do ano de 1900 dos Jogos. Nesta ocasião o Barão Pierre de Coubertin anunciou a lista dos primeiros membros do COI (THE OLYMPIC CONGRESS, 2013).

Desde quando o COI foi criado em 1894 - data do primeiro Congresso - vários Congressos ocorreram em datas relativamente próximas (Le Havre - 1897, Bruxelas - 1905, Paris - 1906, Lausanne - 1913, Paris - 1914, Lausanne - 1921, Praga - 1925, Berlim - 1930). Depois do Congresso em Berlim esse evento do COI só voltou a ser realizado em 1973 em Varna. Uma das principais pautas desses Congressos eram a regulamentação e definições de amadorismo.

Entender o porquê do apelo ao atleta amador e no que isso influenciou nos Jogos Olímpicos e no esporte como um todo se faz necessário para analisar o jogo político do COI. Para construir tal escopo de análise política foram investigados os Boletins Olímpicos do COI (1894-1914), além de outros documentos e pesquisas a respeito deste cenário. O enfoque da pesquisa foi de estabelecer diálogo acerca de quais foram as decisões tomadas nos Congressos e quais consequências que essas medidas trouxeram para o esporte no mundo, mesmo que em dado período analisado o esporte mais estruturado ainda encontrava-se restrito a uma série de países.

De modo mais amplo, também permitirá entender como a partir das definições do COI alguns grupos foram favorecidos enquanto outros negligenciados em alguma magnitude, de forma a futuramente possibilitar a criação dos Jogos Olímpicos dos Trabalhadores a partir da *Socialist Worker Sport International* (SWSI), em 1925.

Para melhor entender o dilema acerca dos trabalhadores/operários nos Jogos Olímpicos, é interessante salientar que o “Lema Olímpico” rogava sobre “amor e tempo livre”, de forma que essas características formavam o cerne do “espírito ideal de atleta olímpico”, e excluía aqueles que precisavam de rendimentos para se dedicar ao esporte. Os Congressos tinham importante função de difundir os ideais olímpicos, conforme aponta Müller (1981).

Pierre de Coubertin, o idealizador e mais longínquo presidente do COI (foi presidente no período de 1896-1925) possui grande papel na difusão do lema olímpico, e esteve à frente do COI em uma época chave para entender os desdobramentos que se deram através da escolha pela condição amadorística de atletas. Além do presidente em questão, o COI conta com membros que integram o Comitê Executivo, espaço privilegiado na tomada de decisões e do estabelecimento das diretrizes dos esportes olímpicos no mundo (GIGLIO, 2013).

Como já foi apresentado anteriormente, o primeiro Congresso do COI foi realizado no ano de 1894 em Paris, e teve como pauta principal promover a reedição dos Jogos Olímpicos e discutir sobre a questão do atleta amador. Neste Congresso foi decidida a homenagem à cidade de Atenas como sede, e que em 1900 os Jogos Olímpicos seriam realizados em Paris. Foi também definido quem assumiria a presidência do COI. Em um comunicado aparece que a presidência por direito do COI seria de um membro do país que sediaria os Jogos. É interessante notar que em um primeiro momento o grego Dimítrios Vikélas é eleito como presidente do COI, ato que faz seguir a lógica de o presidente ser oriundo do país que sediaria os Jogos naquele período (Jogos de Atenas em 1896). Posteriormente os Jogos ocorreram em Paris, e o francês Pierre de Coubertin passa a ocupar o cargo. Seguindo a lógica e a recomendação citada no Boletim, era de se esperar um norte americano assumindo a presidência do COI no próximo ciclo olímpico, pois os Estados Unidos foram sede dos Jogos de 1904. Entretanto, Coubertin continua na presidência do COI até o ano de 1925, quando se torna presidente de honra, e desta maneira é sucedido pelo belga Henri de Baillet-Latour. Que Coubertin possuía grande prestígio dentro do COI não resta dúvidas.

Porém, o fato de se consumir presidente da entidade por longínquos anos denota o quanto ele foi proeminente nas decisões do processo.

O segundo Congresso ocorreu em Le Havre, 1897. O Congresso baseou-se em duas comissões. Uma concentrou seus estudos em educação e saúde e outra sobre a prática do esporte, principalmente no âmbito escolar. Quem definiu este programa foi o Barão Pierre de Coubertin que nesta data já ocupava a presidência do COI.

Em Bruxelas, 1905, foi realizado o terceiro Congresso de COI. Além da presença de dirigentes esportivos este evento contou com a presença de cientistas, médicos, jornalistas, acadêmicos e escritores de vários países. Os temas abordados foram esporte e educação física.

O quarto Congresso foi realizado no ano de 1906 e pela segunda vez, Paris foi a cidade escolhida para tal evento. Este Congresso ficou marcado pela integração das belas artes nos Jogos Olímpicos, pois Pierre de Coubertin acreditava que as artes e literatura deveriam ter um lugar ao lado das competições esportivas nos jogos.

Em 1913 foi realizado em Lausanne o quinto Congresso do COI. Esta edição foi provavelmente o primeiro evento científico de alto nível sobre o esporte na história. O Congresso foi pautado na filosofia e psicologia do esporte.

Comemorando os 20 anos do primeiro Congresso do COI, o sexto Congresso foi realizado na Universidade de Sorbonne, em Paris. Este evento foi marcado por discutir as condições de participação nos Jogos Olímpicos. Diferente das edições anteriores, as federações nacionais e os comitês olímpicos nacionais participaram ativamente deste Congresso (THE OLYMPIC CONGRESS, 2013).

Outros Congressos do COI aconteceram posteriormente, mas o recorte desta pesquisa restringe-se a esses seis Congressos. Além de analisá-los foi importante identificar quem eram os membros mais influentes nessa trajetória, pois os membros do COI sempre foram agentes importantes dentro do processo decisório da entidade.

Artigos de análises científicas sobre o COI e seus processos históricos são escassos, principalmente no Brasil, abrindo-se uma lacuna para essa pesquisa.

Dialogando com as fontes: o amadorismo

O primeiro Boletim Olímpico data de julho de 1894. Antes mesmo de adentrar nas suas divulgações, é interessante analisar como é a materialidade desta fonte. O

boletim nº 1 continha quatro páginas redigidas de assuntos variados. Não apresenta nenhum tipo de ilustração. Logo após o título “BULLETIN DU COMITÉ INTERNACIONAL des JEUX OLYMPIQUES”, está o lema olímpico: “Citius – Fortius – Altius”.²

As primeiras informações são a respeito que queriam poder divulgar o material em três idiomas diferentes, mas é salientado que não fora possível, apesar de arranjos estabelecidos com jornais ingleses e americanos (BOLETIM OLÍMPICO Nº1, p.1). Na sequência existe uma lista dos membros que formaram o Comitê Internacional³. O Barão Pierre de Coubertin está no corpo de membros, e neste momento ocupava o cargo de secretário geral.

Atenas foi escolhida para ser o palco dos primeiros Jogos Olímpicos, marcado para o ano de 1896. Primeiros Jogos porque não podemos considerar as antigas práticas do Mundo Grego⁴ de maneira igual aos Jogos da época Moderna. Vários dos aspectos que compõe o Esporte Moderno, como o estabelecimento de regras, a racionalização, a secularização, e o tempo mecânico⁵, são elencados como inerentes ao Esporte Moderno (próprios também da modernidade) e foram tecidos por importantes autores (ELIAS, 1992; GUTTMANN, 1978). Esta diferenciação de práticas arcaicas é de suma importância para não se cometer um grave anacronismo histórico.

Outro dado relevante é no que tange a estrutura da cidade sede, no caso Atenas, receber o evento. No Boletim é ressaltado que na cidade havia a existência de inúmeros hotéis, cafés, restaurantes, e que de forma geral a Grécia estaria preparada para receber os convidados (BOLETIM OLÍMPICO Nº1, p. 1). Guardadas as devidas proporções, até hoje é bastante latente a discussão do padrão que deve ser oferecido pelos países para poderem sediar os Jogos Olímpicos. Copas do Mundo apresentam semelhanças, pois ambos são tratados como megaeventos que possuem potencial de deixarem legados para as nações – positivos ou não.

² Na tradução do latim para o português, seria “mais rápido, mais forte, mais alto”.

³ Presidente: Sr. Bikélas; Secretário Geral: Sr. Barão Pierre de Coubertin; Tesoureiro: Sr. Callot; Membros: Sr. General de Boutowsky; Dr. Jiri Guth; Comandante Balck; Léonard .A. Cuff; Professor William Sloane; Dr. Zubiaur; Conde Lucchesi-Palli; Charles Herbert; Lord Ampthill e Franz Kémény.

⁴ A escolha do termo Mundo Grego se deve ao fato de que na época das antigas Olimpíadas ainda não existia a conjuntura de Grécia como nação, e sim a existência de várias cidades-estados.

⁵ O relógio e o cronômetro são importantes marcadores do esporte moderno e das sociedades modernas. Em outrora o tempo/afazeres eram regidos pela diferença de claro e escuro, e das estações climáticas do ano. Para a prática esportivizada, engendrada em regras e tempo específico, as formas mecânicas de medir o tempo são essenciais.

O Congresso de 1894 realizado em Paris foi previamente convocado por uma decisão do Conselho da União das Sociedades Esportivas Francesas, que ocorreu no ano anterior (1893). Três membros do Comitê foram elencados como responsáveis para organizar o evento. Foram eles o Barão de Coubertin; Professor William Sloane (Universidade de Princeton); e Charles Herbert, secretário da Associação de Atletismo Amadora da Inglaterra. O programa do Congresso indica que duas pautas foram importantes naquele espaço: a concepção de amadorismo-profissionalismo e os ajustes para a execução dos Jogos olímpicos (BOLETIM OLÍMPICO Nº1, p. 1-2).

O Congresso foi realizado na Universidade Paris-Sorbonne. Como duas diferentes pautas foram selecionadas para debates e definições, dois grupos de membros discutiram esses assuntos. Embora no Boletim seja ressaltado que o relatório produzido foi aprovado de maneira quase unânime não há detalhamento a respeito desta quase unanimidade, de maneira que não é indicado o número de votantes e como ficaram os quadros. Entretanto, é salientado que a definição de amadorismo fora aprovada com algumas modificações.

Com relação ao amadorismo ficou definido que os atletas não poderiam ser pagos de nenhuma maneira, pois se assim consumado, feririam o ideal de atleta amador e seriam desqualificados dos Jogos. É também ressaltado que não poderia estar como amador em uma determinada modalidade e profissional em outra, assim como um professor de esportes não se enquadraria no âmbito de atleta amador (BOLETIM OLÍMPICO Nº1, p. 4).

Pode-se dizer que a temática amadorismo foi primordial no primeiro Congresso do COI. Aristocratas e burgueses de certo modo fomentaram a prática esportiva e através do amadorismo procuraram manter o esporte em seus domínios. Uma prática para poucos, prática de e para quem se privilegiava de um tempo ocioso, estas eram concepções da alta cúpula do COI que parece ter receio da perda do domínio das práticas esportivas (RUBIO, 2006). Frisa-se que as práticas esportivas já escoavam entre as camadas sociais em um tempo permeabilidade social, de classes e principalmente de símbolos.

Um questionamento que paira nestas decisões, principalmente a respeito da definição de amadorismo, é se a escolha dos Jogos apenas para os amadores foi realmente uma unanimidade. Um vestígio dessas tensões de interesses – em oposição à conformidade geral – parte do vice-presidente da União Ciclista da França. No Boletim fica registrado que ao seu entender deveria ser liberado o encontro entre amadores e

profissionais (BOLETIM OLÍMPICO Nº1, p. 4). É relevante destacar que essa perspectiva de concorrência entre amadores e profissionais parte de um membro da União Ciclista.

O ciclismo de estrada na sua forma competitiva está intimamente ligado ao fomento e desenvolvimento de jornais, que viam na competição ciclística uma maneira de potencializarem a venda dos periódicos. Um exemplo do fortalecimento de receitas geradas através dos eventos ciclísticos pode ser vislumbrada em relação ao jornal *L'Auto*, que fora o organizador do Tour de France⁶. O sucesso do jornal é tamanho que o seu principal concorrente – *Le Vélo* – faliu em 1904 (MIGNOT, 2015). Existe uma interessante passagem no trabalho de Mignot (2015, p. 5) que denota o quão profissional já era ao final do século XIX o ciclismo de estrada na Europa:

Enquanto os jornais organizavam as corridas, ciclistas e companhias de pneus patrocinavam as equipes de pilotos, ou seja, eles pagavam seus alimentos e acomodações para que eles montassem seus materiais, provassem sua qualidade e promovam sua marca através de logotipos em suas camisolas e bonés. A empresa francesa de pneus Michelin patrocinou Charles Terront já em 1891 na prova Paris-Brest-Paris, que ele ganhou (tradução livre).

No decorrer da realização do Congresso em Paris, o jornal *Le Vélo* fazia consideração em pequenas notas acerca do que era definido em ocasião. Sumariamente produziam um pequeno resumo no corpo do jornal elencando quem eram os membros que presidiam as decisões, quais associações participavam e quais foram às deliberações gerais. Não consta nenhum tipo de questionamento em relação às definições de amadorismo, apenas aparece em uma edição que seria de enorme importância para o ciclismo a regulamentação tecida referente à uniformidade entre amadores e profissionais, e que este tema seria estudado pelo Congresso (LE VÈLO, 1894). Outro periódico, *La Bicyclette*, traz também apenas uma menção ao Congresso, encarregando-se de ressaltar os notáveis participantes que estavam na Sorbonne (LA BICYCLETTE, 1894).

⁶ Prova disputada ao longo de três semanas, de extrema exigência física. O primeiro Tour de France disputado em 1903 teve um trajeto geral de quase 2.500 quilômetros. Atualmente o Tour continua sendo disputado em três semanas. O evento de 2017 ocorreu por um trajeto de 3.540 quilômetros ao longo de 21 etapas.

Nota-se que existia divergência em relação ao amadorismo-profissionalismo. Mesmo dentro de um espaço de decisões – Congressos – que eram representados por membros distintos que possuíam certa congruência de opiniões para com o esporte, revelam-se discordâncias de algumas partes. Ao final do século XIX o esporte já se ramificava entre populações e seria simplista imaginar que um único ideal – atleta amador – contemplasse todos os envolvidos com as associações de esportes ou com as próprias práticas esportivas.

Olhando para essas decisões ficou evidente que o grupo do COI almejava atletas que apresentassem coesão para com o ideal olímpico. Mas, de fato, o que seria esse ideal? Em trabalho organizado por Muller e Todt (2015), os autores conferem alguns documentos escritos à figura de Coubertin. De maneira geral o apelo que faz o Barão a respeito do amadorismo e ideal de atleta amador, converge no sentido de que os atletas deveriam se esforçar apenas pelo prazer à prática, e que ao invés de vislumbrar prêmios, os atletas compatíveis com o ideal olímpico competiriam apenas pelo competir.

Além da definição de amadorismo outro ponto importante no Congresso de 1894 foi a decisão de como seria – de forma geral – a organização dos Jogos Olímpicos. Os primeiros Jogos ficaram definidos para o ano de 1896. Ressalte-se que houve o registro de que essa escolha fora unânime. No Boletim também ficou ratificado que os próximos Jogos seriam em 1900-Paris, e que a cada quatro anos seriam realizados outros Jogos em diferentes cidades do mundo (BOLETIM OLÍMPICO Nº1, p. 4).

Apesar de todo o discurso e delimitações acerca da figura do atleta amador, é válido refletir como que era realizado o controle de atletas que infringissem o ideal olímpico de época. Muito é falado das definições de amador. Pouco é esboçado nos documentos sobre como essas verificações de compatibilidade para participar dos Jogos eram realizadas – ou se eram feitas.

O autor Pierre Arrighi apresenta em seu livro *“Los Juegos Olímpicos nunca fueron amateurs”* um interessante ponto de vista, com contestações de que eram diferentes as delimitações de amadorismo nas diversas modalidades. Ele apresenta que a definição de amador era mais ou menos permissiva em certas modalidades esportivas, enquanto outras modalidades tinham características totalmente abertas à participação de profissionais. Competir por dinheiro era comum na vela e nos esportes hípicas, na França e na Inglaterra. Competições com profissionais era uma prática aceita e realizada no ciclismo, assim como o futebol praticado na Inglaterra se estabelecia como atividade profissional. Outro ponto interessante trazido pelo autor é que ser um professor

assalariado na esgrima ou na ginástica era a mais alta distinção que um atleta amador poderia ter nestas disciplinas (ARRIGHI, 2017).

Veja que esta distinção marcada pela posição de professor é um dos critérios que invalidariam a posição do sujeito como um amador. Olhando desta maneira é importante mensurar a subjetividade dessas regulamentações. Aparentemente, certos grupos ocupavam posições privilegiadas, não enquadradas pelos critérios impeditivos de participação dos Jogos.

O Congresso de 1894 concentrou seus esforços para tratar das questões envolvendo o amadorismo (defini-lo de maneira internacional) e também para estruturarem os Jogos Olímpicos. É válido entender esses pontos sendo intrinsecamente conectados, pois para a realização dos Jogos serem viáveis no entender dos membros, eles procuraram ao máximo balizar quem poderia participar dos Jogos e quais seriam os aspectos impeditivos de determinados participantes. Apesar destas delimitações é importante não perder de vista as limitações e, principalmente, as contradições no tocante à definição de amador e participação dos Jogos.

É interessante tecer apontamentos acerca da materialidade e circulação dos Boletins do COI. Os primeiros Boletins datam do ano da formação do COI – 1894. No ano seguinte também são produzidos Boletins, assim como no ano dos Jogos Olímpicos de Atenas, 1896. Entretanto não constam esses arquivos datados de 1897, ou seja, ano do segundo Congresso do COI, realizado em Le Havre.

Os Boletins são retomados no ano de 1901. A partir deste ano estes arquivos passam a circular de maneira contínua, sendo produzidos mais de um documento a cada ano. Esse dado vai em direção do estabelecimento dos Jogos Olímpicos.

As relações internacionais estavam sendo estabelecidas assim como os Jogos cada vez mais angariavam países e atletas para suas disputas. Apesar de não ser metódica a circulação dos Boletins Olímpicos nos anos formativos do COI, podem-se constatar informações/notícias que procuravam reforçar o amadorismo. Em um Boletim de 1896, uma nota esboça acerca de um “Círculo de amadores” que realizaram algumas provas e foram muito bem sucedidos, sendo que muitos destes participariam dos Jogos (BOLETIM OLÍMPICO Nº5, p. 2).

O Congresso de 1897 é realizado em Le Havre. Através de um comunicado o Congresso é marcado para o mês de Julho. Este documento também adianta quais seriam as pautas do evento: pedagogia, higiene e esporte (CIRCULAIRE, 1897). No Programa do Congresso essas pautas ficam melhores detalhadas do que no circular do

COI, que apenas as indicam. No Programa são esboçados em tópicos os temas que seriam tratados no evento. Olhando para a lista referente ao tema esporte é possível mensurar que os pontos principais do Congresso de 1894 seriam continuados nesta seguinte ocasião. Os pontos a serem discutidos foram a emissão de prêmios em dinheiro e a definição de amador, a organização de competições internacionais, a busca da “universalização” do Movimento e do Boletim Olímpico, além de um espaço para a história dos exercícios físicos (PROGRAMME DU CONGRÈS, 1897).

Veja que os tópicos definição de amador e organização/difusão dos Jogos novamente aparecem neste Congresso dando indícios de como esses assuntos eram pertinentes e que eram estruturais para o COI. Importante frisar que na data deste Congresso, Coubertin já ocupava a presidência do COI, posto que manteve até o ano de 1925 quando se tornou presidente de honra da entidade.

Pelo tempo que o Barão permanece na liderança do COI é possível mensurar sua importância no Movimento Olímpico, assim como sua história está ligada e se confunde com o *Mito Olímpico*, de ressurgimento dos Jogos na Era Moderna. Coubertin fora o organizador do Congresso de Le Havre e fez o discurso de abertura em que salientava acerca da sua concepção pedagógica do esporte e da importância da educação física (HISTORICAL ARCHIVES, 2011).

Muller e Todt (2015) elencam algumas citações no trabalho que realizaram, de seleção de textos, acerca do Olimpismo, em relação a figura de Coubertin. Um destes escritos denota qual a concepção do Barão em relação ao Congresso de Le Havre e as pautas vigentes. Os autores Muller e Todt (2015, p. 287) apresentam:

Passam, senhores, com o mérito de buscar o esforço somente pelo esforço em si, de impor-se a si mesmos moléstias as quais ninguém os força, de submeter-se a si mesmos a uma disciplina que é duplamente efetiva porque consentem livremente com ela. É muito nobre e admirável pensar na guerra; é louvável pensar na higiene; mas é mais perfeitamente humano render culto ao esforço de um modo desinteressado e amar as coisas difíceis simplesmente porque são difíceis. Essa é a filosofia do esporte em geral e de nossa associação em particular.

De forma sintética os dos primeiros Congressos do COI foram concentrados nas mesmas temáticas, acerca do amadorismo e estruturação dos Jogos. Este fato é coerente, pois neste momento os autores deste processo trabalhavam para desenvolver este evento. O Congresso de Le Havre denota ser uma continuação do evento inicial, em

1894, ano de formação do COI. Ressalta-se que por não constar Boletins do Congresso de Le Havre, o evento deste ano possui menos dados e detalhes acerca das movimentações realizadas pelos membros do COI, assim como as decisões tomadas são bastante suprimidas – ou esquecidas – destes documentos. O segundo Congresso que fora organizado por Coubertin também apresenta temas relacionados aos exercícios físicos, higiene e pedagogia, assim como este evento parece ter tido proporção menor do que aquele de formação da entidade, isto no sentido de abertura e participações internacionais.

O terceiro Congresso do COI foi realizado em Bruxelas no ano de 1905. Neste evento é possível constatar uma maior participação internacional - 21 países. Universidades e escolas também fizeram parte deste Congresso, assim como o evento contou com a presença de professores, médicos, jornalistas e escritores. Na lista de integrantes desta solenidade podemos identificar uma ilustre figura para a ginástica e a educação física, Georges Demeny⁷ (LISTES DE PARTICIPANTS, 1905). O tema do Congresso foi Esporte e Educação Física, que juntos margearam a pedagogia esportiva (HISTORICAL ARCHIVES, 2011).

Pela temática proposta no Congresso e pelo corpo de membros deste evento, que deram uma perspectiva científica para tal, fica o questionamento com relação ao amadorismo. Este fora suprimido por outras discussões? A questão amadorismo-profissionalismo foi resolvida nos últimos Congressos? Alguns vestígios dão indícios que o assunto amadorismo ainda era central no Movimento Olímpico. No Boletim do COI de 1905, uma enquete é feita para os envolvidos e fica indicado que as respostas deveriam ser destinadas a Paris. Fora perguntado na enquete do documento qual seria a – sua – definição de amador? Também era solicitado caso o clube ou federação poderiam ceder as suas cópias de regras e regulamentos. O questionamento foi escrito e enviado em três idiomas: francês, inglês e alemão (REVUE OLYMPIQUE, 1905).

Apesar de o Congresso de Bruxelas focar na pedagogia esportiva de maneira geral, a questão da definição de amador ainda aparece como assunto latente por meio da enquete enviada para clubes e federações. É válido o exercício de refletir na magnitude do Congresso de 1905. Será que a escolha por tratar de outra temática, senão do amadorismo, fez com que esse evento tenha tido maiores proporções internacionais? É pertinente mensurar que o jogo entre as federações e clubes esportivos para com o COI

⁷ Para saber mais sobre Demeny, sujeito que procurou aproximar a ginástica dos campos científicos – engenharia e biologia – ver trabalho de (SOARES, 2013).

tenham se estreitado por causa das querelas no tocante ao amadorismo, e muito provavelmente várias federações e clubes de esportes não teriam interesse no amadorismo pleno, ou seja, sem qualquer prêmio ou dinheiro envolvido assim como a participação de profissionais.

Independentemente de o amadorismo não constar como o foco do Congresso de Bruxelas, este ainda foi um tema de discussão bastante pertinente, principalmente no que se refere aos importantes membros do COI e das federações e uniões internacionais. Alguns constituintes que tratavam da pauta amadorismo mostraram-se contrários aos Jogos serem disputados de forma totalmente aberta (amadores e profissionais). Outros levantam as diferenças em que países como a Inglaterra e a Alemanha tratavam essas questões. Procuraram elencar a maneira como diversos países lidavam com a questão do amadorismo, e feito isto não chegaram a um consenso. Alguns queriam uma rigorosidade maior para disputa dos Jogos, outros, mais flexibilidade (ARRIGHI, 2017).

É significativo entender que a formação do COI ocorreu em 1894 e o estabelecimento da entidade ocorre durante os anos seguintes, assim como a realização dos Jogos. Desta maneira, olhar para o ano de fundações dos Esportes Amadores e das Federações Internacionais, pode dar um indicativo da dificuldade de se estabelecer uma única definição e vigência de amadorismo.

Tabela 1 - Ano de fundação dos Esportes Amadores e das Federações Internacionais

Esporte	Federação Britânica	Ano	Federação Internacional	Ano
Atletismo	AAA	1880	IAAF	1912
Boxe	ABA	1880	IBU (profissionais) FIBA (amadores)	1911
Esgrima	AFA	1902	FIE	1913
Futebol	FA	1863	FIFA	1904
Ginástica	AGA	1890	FIG	1881
Patinação no gelo	NSAGB	1879	ISU	1892
Tênis de campo	LTA	1888	FILT	1913
Remo	ARA	1882	FISA	1892
Natação	ASA	1886	FINA	1908

Fonte: Krüger (1999, p. 6).

Por certo essas agremiações já possuíam suas normas de condutas e fixação no que concerne a participação dos atletas, independente se amadores ou profissionais. Quando o COI procura fechar um estabelecimento de que classe de atleta poderia ou não participar dos Jogos, é inerente um conflito com certas Federações. O questionamento enviado as Federações a respeito da definição de amador adotado por elas (REVUE OLYMPIQUE, 1905), é um indício deste embate, que parece constar mais nas entrelinhas do que tomar corpo dos Boletins e documentos oficiais olímpicos do período.

No ano seguinte ao terceiro Congresso, já fora realizado o quarto Congresso do COI em 1906, Paris. Quem tomou a frente na organização do evento foi novamente Coubertin, desta vez tendo o Diretor da Comédia Francesa, Jules Claurétie, como um patrocinador do evento. O número de participantes foi bastante reduzido, principalmente se estabelecido como parâmetro o Congresso do ano anterior, em Bruxelas, com marcante presença internacional. Um fator determinante para o reduzido número de integrantes, principalmente de membros do Comitê (cinco membros), foi devido à realização simultânea dos Jogos Intermediários⁸ em Atenas. Escritores, escultores, pintores e artistas em geral formaram o corpo deste Congresso (HISTORICAL ARCHIVES, 2011).

Um elemento interessante a refletir é no tocante a organização deste Congresso, em razão de que mesmo de maneira paralela, os Jogos Intermediários aconteciam. É possível imaginar o cenário em que o Barão Coubertin era contrário aos Jogos que estavam sendo realizados em Atenas naquele momento. Pois além de empreender um Congresso no mesmo período (com temática de seu interesse), o COI, e possivelmente tendo Coubertin também como fundamental nesta decisão, não considera oficialmente os Jogos Intermediários de 1906.

No Boletim Olímpico de 1906 é ressaltado *Un grand mariage*, que seria a comunhão de *le muscle et l'esprit*, a mutualidade entre o esporte e a arte. Uma série de áreas artísticas são designadas e o intuito geral era de incorporar disputas de cunho artísticos aos Jogos Olímpicos (REVUE OLYMPIQUE, 1906). Fica decidido integrar competições de artes aos Jogos Olímpicos de Estocolmo, em 1912, em cinco categorias: arquitetura, escultura, literatura, música e pintura. Seriam disputados como as

⁸ Jogos de Atenas 1906, Jogos Intermediários, nunca foram reconhecidos pelo Comitê Olímpico Internacional, por mais que pareçam ter importância no que diz respeito à participação de atletas e entusiastas do esporte. Os dois Jogos anteriores não haviam sido impactantes.

modalidades esportivas, ou seja, contando com jurados, vencedores/campeões, além de medalhas distribuídas (ARRIGHI, 2017). Em um documento do COI que tece observações acerca dos Congressos, é salientado que os concursos artísticos foram organizados de 1912 a 1948 (FACTSHEET THE OLYMPIC CONGRESSES, 2013).

Possivelmente pelo esvaziamento deste Congresso que contou com cerca de 60 participantes, os temas centrais até então relacionados ao ideal olímpico foram relegados. Os assuntos tratados, a arte e esporte em geral, e suas possíveis conformidades, por certo foram escolhidos por Coubertin.

Desde Congressos anteriores é possível identificar festividades, cerimônias, eventos afins, que constantemente contavam com a participação de artistas e declamações de poemas. Uma comparação a fundo entre esporte e arte sugere dessemelhança em aspectos centrais. A regra é uma característica do esporte moderno por definição. Nas artes é prevista certa fluidez, do artista e da obra. O atleta por mais arrebatado que possa estar em seu momento de concentração máxima, sempre se encontra atrelado a correntes - as regras e regulamentos. Entretanto no ideário do COI as artes deveriam compor os Jogos. Assim artistas competiriam. Nada é mensurado a respeito das regulamentações que regeriam os artistas que participariam dos Jogos. Muito provavelmente os critérios dos jurados seriam demasiados subjetivos. Artistas profissionais ou amadores?

Essas temáticas escapam aos documentos, pois de maneira lógica, as questões amadorismo-profissionalismo eram imprescindíveis apenas para com o esporte e suas modalidades, engendradas em estruturas compostas por federações e associações. Válido refletir qual forma de arte era pensada pelos membros do COI e principalmente por Coubertin para estarem nos Jogos. Muitos dos fenômenos de arte moderna não existiam naquele momento, entretanto, por certo a arte imaginada pelo COI seria aquela que compunha o cotidiano e imaginário das classes mais distintas, estabelecendo assim diálogo com outra marca de diferenciação, o amadorismo.

O próximo Congresso ocorre em 1913 na cidade de Lausane. Diferente dos eventos anteriores neste a participação era aberta, de maneira que muitos cientistas, principalmente médicos e professores de medicina, participaram e atuaram no Congresso. A maioria dos participantes era da própria Suíça e da França. O tema do Congresso foi acerca da psicologia e fisiologia do esporte. Um marco do evento de 1913 foi no tocante a característica de enfoque em discursos de forma que pouco foi aberto para discussões. Nenhuma resolução fora adotada (HISTORICAL ARCHIVES, 2011).

Alguns Boletins Olímpicos foram produzidos no ano do quinto Congresso. O Boletim de março apresenta um caso bastante pertinente para entender a disputa amador-profissional e também como uma federação amadora e o COI lidava com casos comprovados de atletas tidos como profissionais. O imbróglio em questão é de um atleta, James Thorpe, que havia competido nos Jogos de Estocolmo, 1912, pelos Estados Unidos e possivelmente era no que concerne à regulamentação de época um atleta tido como profissional.

Ele havia jogado beisebol por clubes profissionais antes de ir para os Jogos, e mesmo que tendo disputado outras provas (ele venceu o pentatlo clássico e o decathlon), ter jogado com profissionais e em uma equipe profissional de beisebol o conferiria também no *roll* dos profissionais. As partes do caso aparecem no documento. O atleta confirma ter jogado beisebol em clubes assalariados, porém alega ignorância de sua parte para com os regulamentos do COI acerca da definição de amador. Salienta que ele poderia viver sem precisar de rendimentos oriundos do esporte (REVUE OLYMPIQUE, 1913). Veja que esta é uma marca distintiva. O amor ao esporte sem lucros era uma das ideologias da cúpula do COI, que provindo da aristocracia não visavam nas práticas esportivas ganhos para a sobrevivência.

A União Atlética Amadora dos Estados Unidos começa a sancionar o processo de Thorpe, embora no Boletim seja ressaltado que o julgamento supremo pertencia ao COI. O posicionamento da União Amadora é de que o atleta seria culpado, mas não somente ele, como também os que tinham conhecimento do caso e não se pronunciaram. Ao final do texto redigido, a União diz que faria tudo que estivesse ao alcance para garantir retorno de prêmios e reajustes de pontos ganhos pelo atleta, assim como imediatamente iria retirar seus feitos dos livros (REVUE OLYMPIQUE, 1913).

No Boletim do mês seguinte um texto sobre o caso Thorpe é apresentado. Em certa magnitude o caso do atleta denota certa comoção, entretanto, logo o tom é mudado e a centralidade da publicação é dialogar acerca do amadorismo-profissionalismo. Relevante ressaltar que no escrito é colocado que seria totalmente essencial à revisão no que diz respeito aos regulamentos, relacionados ao amadorismo, para evitar falsos amadores (REVUE OLYMPIQUE, 1913).

Não fora a primeira vez que a dubiedade das regulamentações é ressaltada nos arquivos. Pelo tom dos mesmos, as mudanças estruturais nas regras de participação dos Jogos deveriam melhor filtrar quem de fato seriam atletas amadores a fim de excluir os profissionais. As rigorosas penas conferidas ao atleta Thorpe possivelmente foram

estabelecidas para ficar de exemplo a futuros casos, como também para afastar atletas que pretendessem burlar as regras do COI.

Em circunstâncias gerais o quinto Congresso não parecia tratar com latência o amadorismo. Porém, investigando o caso do atleta Thorpe é possível identificar que tanto as Associações Nacionais – Amadora – quanto o COI tratavam da questão do amadorismo, mesmo que este embate não constava como tema do Congresso. De certa maneira existiam investigações, denúncias, entre outras ocupações que procuravam identificar a qualidade dos atletas, para confirmar se estes correspondiam aos padrões de amadores de época.

Estas averiguações por certo eram subjetivas e estavam inseridas na lógica de jogo de força dos poderosos do COI. Quais atletas seriam investigados? Quem seriam esses atletas e quais as punições? Essas indagações pairam o cenário e para respondê-las, possivelmente, outros arquivos deveriam ser confrontados, talvez gazetas de época que partilhassem dessas notícias. Ou talvez estes atletas e casos ficaram no esquecimento da história, numa memória velada, deixados à margem dos documentos produzidos.

O sexto Congresso do COI foi realizado em 1914. Nos documentos (REVUE OLYMPIQUE, 1913) consta que esse evento fora marcado no ano de 1911 durante uma reunião em Budapeste. Novamente o local escolhido para a ocasião foi Paris. Além das diretrizes que buscavam neste Congresso, o evento comemorava o vigésimo aniversário do COI. No Boletim – Revue Olympique – de Junho de 1913 já era indicado qual seria o foco do sexto Congresso. Almejavam neste evento poder unificar as legislações que compunham os Jogos. Por certo o amadorismo ocupou um importante lugar no Congresso de 1914. Neste mesmo Boletim de 1913, o COI pontuou alguns princípios que regiam a instituição. Dentre eles que os Jogos Olímpicos reuniam os amadores de todas as nações e que para participar dos Jogos os atletas deveriam devidamente serem reconhecidos como amadores pelos Comitês Olímpicos de seus respectivos países (REVUE OLYMPIQUE, 1913).

O Congresso de 1914 parece ser muito importante para o futuro do COI e dos Jogos. Nesta ocasião, membros do COI, delegados de Federações Internacionais e Comitês Olímpicos Nacionais compuseram a reunião. Trabalhar no desenvolvimento de um programa uniforme para os Jogos foi o esforço maior dos membros envolvidos. O símbolo Olímpico foi revelado nesta oportunidade, tendo sido possivelmente desenhado por Coubertin (HISTORICAL ARCHIVES, 2011).

Além da realização do Congresso de vinte anos do COI o mês de junho de 1914 é marcado pela morte do arquiduque Franz Ferdinand e pelo início da Primeira Guerra Mundial. Como era de se esperar as atividades do Congresso foram suspensas e só em 1919 as resoluções foram publicadas (HISTORICAL ARCHIVES, 2011). Um relatório bastante completo do evento em Paris foi divulgado. Nele consta algumas decisões tomadas pelos membros, como por exemplo, a escolha das modalidades que deveriam compor de forma cativa o quadro dos esportes disputados nos Jogos, modalidades essas que seriam obrigatórias. Neste documento os princípios do COI também são reforçados. Com relação ao amadorismo, sua definição e seu controle, o seguinte trecho foi redigido no Relatório do Congresso (1914, p. 6):

É considerado amador aquele que nunca tirou algum benefício pecuniário, seja da prática ou do ensino de exercícios físicos e esportes. Não pode ser atleta amador em uma modalidade e profissional em outra. Na aplicação deste princípio a qualificação de amador será dada pelo poder esportivo em cada nação e garantido pelas comissões nacionais (tradução minha).

Apesar de naquele momento o COI apresentar uma estrutura mais sólida do que aquela do seu ano de formação, e o projeto dos Jogos Olímpicos, passado por eventos esvaziados ou anexados as Exposições Universais para Jogos mais consolidados, ainda assim a entidade manteve os pilares do que rogava a essência de um atleta amador.

Importante ressaltar que nestes anos e período o esporte na Europa e fora dela ganhava força como atividade remunerada e profissional. Possível concluir que a escolha pelo amador, com base na definição do COI, tinha como cerne a ideologia dos seus membros influentes que oriundos de classes abastadas objetivavam no esporte condutas morais, ao invés de ver o esporte como uma nova esfera de trabalho, apesar de a prática esportiva transitar entre a esfera do trabalho e dos divertimentos.

Apontamentos: elementos para pensar

As análises dos Congressos permitiram melhor entender o discurso e lógica daquele espaço e tempo - Europa, final do século XIX e início do século XX – e suas consequências e desdobramentos para o esporte olímpico.

Nos documentos foram observadas as principais pautas tratadas nos Congressos, assim como o desenvolvimento destas pautas. Procurei identificar quem eram os membros que participavam dos Congressos do COI e quais influências trouxeram para o movimento olímpico, pois a origem do COI é de aristocráticos e como organizadores eles tencionaram em certo aspecto os Jogos Olímpicos para ficarem restritos ao grupo de seu pertencimento. Tendo – os membros do COI - como centro do debate a formação do COI e a busca pela definição dos conceitos de profissional e amador. Nesse sentido, o que essas discussões procuravam era definir quem poderia fazer parte dos Jogos (GIGLIO, 2013).

De maneira geral duas pautas se destacam no espaço do COI: a definição de atleta amador e os acertos para a realização dos Jogos Olímpicos. Veja que uma pauta está imbricada na outra, pois para o acontecimento dos Jogos os membros do COI preconizavam um evento de competições entre amadores. Dentro deste processo existiu um esforço do COI em estabelecer laços para com as federações esportivas com o intuito de desenvolverem os Jogos.

Como nem sempre o discurso e objetivos do COI coincidiam com os das federações esportivas, tensões permearam estes espaços decisórios, os Congressos, mesmo que recorrentemente aparecem nos Boletins como vestígios ao invés de serem apresentados todos os entraves em questão. Tendo o COI o registro dos Boletins, em certo aspecto era esperado que estes apresentassem única verdade, que era o discurso de seus pares e partidários. Membros influentes aparecem e o Barão Pierre de Coubertin sem dúvida foi uma figura central no movimento olímpico. Entretanto é sensato não o imaginar como sendo o único idealizador do movimento olímpico, ele foi sem dúvida um grande articulador no tocante ao Olimpismo, sem se desvincular do seu espaço de ocupação e sendo uma figura de seu tempo, tempo este que refletia um fértil cenário para a difusão do esporte.

A escolha, digamos assim, por um modelo de competição amadora, reflete a magnitude de redoma que os integrantes do COI queriam para os Jogos, desvinculados das apostas e livre de atletas profissionais, ou seja, trabalhadores. Apesar de esta concepção amadora ter por finalidade separá-los dos profissionais, não fica de maneira explícita nos documentos embora exista uma inflexibilidade do Comitê no que se refere

ao ideal de atleta amador no período. Não querer discutir e modificar a definição do que seria considerado um atleta amador é uma maneira política de defender esta regulamentação. Ora, se os filiados do COI eram aristocratas e queriam produzir os seus Jogos, porque parece tão essencial este enfrentamento para com o profissionalismo esportivo?

Em primeiro lugar tem de se pensar que o movimento olímpico buscava prestígio, e uma das maneiras de tê-lo seria promovendo os Jogos para mais amplos públicos. Aqui já se pode mapear uma contradição, pois ao mesmo tempo em que queriam eventos mais numerosos e universalizados, por assim dizer, eles prescreviam que estes fossem disputados por atletas amadores. Em um momento de grande difusão do esporte era de se esperar que o amadorismo não agradasse a todos e a promoção dos Jogos produziram interessados em participar deles em toda a parte.

Outro ponto importante e delicado a se observar é que o COI tem sua formação em data posterior a de diversas federações esportivas. A problemática aqui é convencer estas federações que já possuíam suas competições e já apresentavam uma vertiginosa profissionalização esportiva, vide o ciclismo na Europa, a participarem dos Jogos dentro das regras do amadorismo.

Apesar de não ser o escopo desta pesquisa que busca olhar para os Congressos de maneira a intensificar os diálogos acerca do amadorismo, nos Boletins Olímpicos são trazidas várias informações sobre os banquetes e festas do COI. Artistas importantes do período ocupam esses espaços regados de códigos e símbolos das altas classes. A exaltação da arte em sua forma mais erudita também tomará um espaço nas questões do COI, tanto é que no Congresso de 1906 esta pauta aparece com o discurso de vincular o músculo ao espírito, em outras palavras, o esporte e a arte (REVUE OLYMPIQUE, 1906). Veja que existe uma proposta de um grupo que tem acesso e prestígio pelas formas artísticas, linguagem esta que não necessariamente seria pautável para difundir o movimento olímpico quando se olha para o alcance de maiores públicos em países diversos.

Apesar de certa subjetividade, ou melhor, de certo retrato, pois trabalhamos com as representações de uma época (CHARTIER, 1991), e de não ser apresentado nos documentos trabalhados às questões ligadas aos processos de controle dos atletas, se estes eram amadores ou profissionais nos parâmetros regulamentares do COI, o caso do atleta Thorpe dá indicativos que existia certa vigilância a participação de profissionais, e caso comprovado, os atletas eram punidos. Olhando para o período de recorte desta

pesquisa (1894 – 1914) pode-se afirmar que o COI se fortalece como entidade, assim como os Jogos ficam mais consolidados.

Naquele tempo o esporte se solidificava, e o profissionalismo já era vigente em certas modalidades, com destaque para o ciclismo e o futebol. Como os Jogos Olímpicos e o COI não se flexibilizam para a entrada dos profissionais nos Jogos, mesmo que começando a amadurecer práticas de assalariamento e bonificações para os atletas, será este um estopim junto ao recente sucesso dos Jogos na fase de emergência do esporte espetáculo profissional a criação dos Jogos Olímpicos dos Trabalhadores?

Investigar novos Congressos, documentos, imprensa, estudar densamente e olhar para as nuances do esporte nestas primeiras décadas do século XX, além das sociedades envolvidas neste processo, parece um caminho a ser percorrido a fim de melhor entender as disputas de poder e usos e frutos do esporte nesta época.

Referências Bibliográficas

- ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru-SP: Edusc, 2006.
- ARRIGHI, Pierre. **Los Juegos Olímpicos nunca fueron amateurs**. BoD – Books on Demand, Alemanha, 2017.
- BLOCH, Marc. **A apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BONIFACE, Pascal. **JO Politiques**. Editora Jean-Claude Gawsewitch, Paris, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. "Como é possível ser esportivo?" In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia* (pp. 136 – 163). Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. In: *Revista de Estudos Avançados*. vol. 5 no.11 São Paulo Jan./Apr. 1991, p 173-191.
- DUNNING, Eric. **Sociologia do Esporte e os Processos Civilizatórios**. Annablume, 2014.
- ELIAS, Norbert. DUNNING, Eric, **A busca da Excitação**. Lisboa: DIFEL, Memória e Sociedade, 1992.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIGLIO, Sérgio S. **COI x FIFA: a história política do futebol nos Jogos Olímpicos**. 2013. 518 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- GUTTMANN, Allen. **From Ritual to Record: The Nature of Modern Sports**. New York: Columbia University Press, 1978.
- HOBBSBAWM, Eric, RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. 4ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- KRUGER, Arnd. The unfinished symphony: a history of the Olympic Games from Coubertin to Samaranch. In: RIORDAN, James; KRÜGER, Arnd. **The international politics of sport in the twentieth century**. Londres: E& FN Spon; Nova Iorque: Routledge, 1999.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- _____. A história nova. In: NOVAIS, Fernando A.; SILVA, Rogerio F. da (Orgs.). **Nova história em perspectiva – volume 1**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- LUCA, Tânia Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: *Fontes Históricas* (pp. 111 – 153). São Paulo. Contexto, 2005.

MELO, Victor Andrade de, DRUMOND, Maurício, FORTES, Rafael, SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Pesquisa histórica e história do esporte**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

MIGNOT, Jean-François. **The Economics of Professional Road Cycling**. Springer, 2015.

MÜLLER, Norbert. Coubertin and the Olympic Congresses. **Olympic Review**, n. 167-168, setembro – outubro de 1981, p. 516-520.

MULLER, Norbert; TODT, Nelson Schneider. (Orgs.). **Pierre de Coubertin (1863-1937) - Olimpismo; seleção de textos**. Lausanne, Porto Alegre: Comitê Internacional Pierre de Coubertin, EdiPUCRS, 2015.

RUBIO, Katia. **Medalhistas Olímpicos Brasileiros. Memórias, Histórias e Imaginário**. 1º ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

SOARES, Carmen Lúcia. **Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no Século XIX**. 4º Ed. Campinas, Sp: Autores Associados, 2013.

The Olympic Congress, dezembro de 2013, p. 1.

Fontes

Documentos citados

BULLETIN DU COMITÉ INTERNACIONAL des JEUX OLYMPIQUES. N°1. Julho de 1894.

BULLETIN DU COMITÉ INTERNACIONAL des JEUX OLYMPIQUES. N°5. Fevereiro de 1896.

CIRCULAIRE. Maio de 1897.

FACTSHEET THE OLYMPIC CONGRESSES, dezembro de 2013.

LA BICYCLETTE, p?, Junho de 1894.

LE VÉLO, p?, 17 de Junho, 1894.

LISTES DE PARTICIPANTS – 1905.

OLYMPIC CONGRESSES - HISTORICAL ARCHIVES/Olympique Studies Centre. Abril de 2011.

PROGRAMME DU CONGRÈS, 1897.

RAPPORT EXPOSANT LE POINT DE VUE FRANÇAIS, 1914.

REVUE OLYMPIQUE – Bulletin Officiel du Comité Internacional Olympique, Janeiro de 1905.

REVUE OLYMPIQUE. Junho de 1906.

REVUE OLYMPIQUE. Março de 1913.

REVUE OLYMPIQUE. Abril de 1913.

REVUE OLYMPIQUE. Junho de 1913.

Documentos consultados

BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL des JEUX OLYMPIQUES. N° 2, 1894.

BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL des JEUX OLYMPIQUES. N° 3, 1895.

BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL des JEUX OLYMPIQUES. N° 4, 1895.

BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL des JEUX OLYMPIQUES. N° 1, 1896.

BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL des JEUX OLYMPIQUES. N° 2, 1896.

BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL des JEUX OLYMPIQUES. N° 3, 1896.

BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL des JEUX OLYMPIQUES. N° 4, 1896.

BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL des JEUX OLYMPIQUES. N°15, 1896.

CIRCULAIRE, Junho de 1906.

DISCOURS PÈRE DIDON, Julho de 1897.

FESTIVAL OLYMPIQUE – PROGRAMME, maio de 1906.

INVITATION AU CONGRÈS, 1906.

L'ÈVÈNEMENT – 21 – 23 Junho de 1894.

LE VÈLO, 16/06; 17/06; 19/06; 23/06; 24/06; Junho de 1894.

PROGRAMME ET RÈGLEMENT – 16 – 24 Junho de 1894.

REVUE OLYMPIQUE. Janeiro de 1913.

REVUE OLYMPIQUE. Fevereiro de 1913.

REVUE OLYMPIQUE. Maio de 1913.

REVUE OLYMPIQUE. Janeiro de 1914.